



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA OS*
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL -
EEDH

**ENFRENTANDO O PRECONCEITO EM SALA DE AULA:
PROMOVENDO OS DIREITOS HUMANOS**

WESLEY JULIO COSTA DE OLIVEIRA

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

WESLEY JULIO COSTA DE OLIVEIRA

**ENFRENTANDO O PRECONCEITO EM SALA DE AULA:
PROMOVENDO OS DIREITOS HUMANOS**

Apresentando Trabalho de Conclusão de curso de Pós-Graduação em Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, pela Universidade de Brasília, EaD. Sob Orientação da Professora Jane Farias Chagas Ferreira.

BRASÍLIA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Wesley Julio Costa de Oliveira intitulada “As dificuldades enfrentada em sala de aula”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau Pós-Graduação em Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, pela Universidade de Brasília, Ead, em 14/11/2015, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dra. Jane Farias Chagas Ferreira.

IP/ Universidade de Brasília

Orientadora

Prof.^a Dra. Edna Rodrigues Barroso

Secretaria de Estado de Educação do DF

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais pelo o apoio e compreensão que tem por minha pessoa, à minha Esposa Jamila Magalhães e a meu Filho Julio Gabriel que me incentivaram e à professora Maria Adélia Figueiredo, Elisa Matos Menezes e Jane Farias Chagas Ferreira que incansavelmente trabalhou para nos passar os seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter nos dados força e perseverança para continuar no curso;

Aos meus pais pelo apoio;

À Universidade de Brasília e às minhas professoras: Maria Adélia Figueiredo, Elisa Matos Menezes e Jane Farias Chagas Ferreira, pela dedicação e a força de vontade em nos instruir com os seus conhecimentos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO.....	9
2.OBJETIVO.....	11
2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
2.2OBJETIVO ESPECIFICO.....	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3.1 DIREITOS HUMANOS.....	12
3.2 PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMANAÇÃO	13
3.3 PRATICA DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR	13
3.4. LEI 13.185, 06 DE NOVEMBRO DE 2015.....	15
4. METODOLOGIA.....	16
5. AÇÕES INTERVENTIVAS.....	17
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	24
7. COMENTÁRIOS FINAIS.....	25
REFERENCIAS.....	

1 INTRODUÇÃO

Problematização

O ambiente escolar pode ser compreendido como lugar onde as pessoas compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, que interagem entre si, estabelecendo uma comunidade escolar, submissa às mesmas leis e conectados às mesmas constitutivas culturais; Portanto, o que é caracterizado como sociedade escolar em seus aspectos morais, éticos, materiais, espirituais, é a cultura.

A Escola é o ambiente da socialização, do aprendizado e da convivência. Analisando que nela se descobrem diversas etnias aglomeradas, ela é o espaço da aprendizagem, do espírito democrático e republicano. Chega a ser uma contradição precária em depararmos aos preconceitos e as discriminações atuantes nos núcleos educativos. Nessa coerência, a escola eterniza a estrutura e a eficácia social, ao dispor de forma diferente e justa os alunos para este mundo no qual o preconceito é latente e manifesto.

Infelizmente hoje em algumas Instituições escolares, seja ela Federal, Estadual, Municipal e Particular; encontramos vários tipos de preconceitos, entre eles: os de racismo e a pratica do *Bullying* (por serem pessoas Obesa, magra ou algumas deficiências seja ela física ou mental). Eu mesmo já sofri Bullying, por ser magro; vários tipos de apelidos maldosos. Agora como educador percebo que os preconceitos e discriminações, podem prejudicar os Alunos em seu desenvolvimento escolar, deixando revoltados ate mesmo com a vida, podendo deixar até de estudar.

O problema é que muitos de nós educadores cruzamos os braços diante dessas violências, e não fazemos nada. Portanto, podemos através deste Trabalho, estipular formas de lidar com os preconceitos. Basta nos conscientizarmos o quanto o nosso papel como educadores, possa influenciar no processo de conscientização, em valorizar formas em que os educandos possam viver em comunhão entre eles; sabendo respeitar as diferenças de raça, religião, cultura e entre outros. Assim, podemos e “Precisamos Amar as diferenças sem preconceito Algum”¹.

Visando uma aprendizagem expressiva e com fundamento nos novos entendimentos pedagógicos que orientam as concentrações dos estudiosos de Ciências Humana nas últimas

¹ FERNANDO, Diego, livro Fala Serio É Proibido ser Diferente? Ed. Canção Nova, 2005.

décadas, procurei desenvolver um projeto de intervenção que aponte o Enfrentamento em relação aos preconceitos e discriminações no ambiente escolar.

O recinto escolar é um local onde se espera ser seguro e saudável, no qual os alunos dedicam boa parte de suas vidas desenvolvendo seus potenciais intelectivos, afetuos e sociais. No entanto, diariamente centenas de crianças sofrem abusos dentro e fora do ambiente escolar que poderão acarretar-lhes sérios danos físicos e/ou psicológicos.

Durante o percurso, estabelecido nos cursos, os módulos nos proporcionaram maneiras de lidar com as diferenças e estabelecer os Direitos Humanos no contexto da diversidade cultural; O módulo 04 chamou-me atenção, e nos dar a oportunidade de nos tornarmos humanos, como diz o título “TORNA-SE HUMANO”.

A diversidade humana colabora para o avanço da qualidade da educação, uma vez que enriquece os processos de aprendizagem e convivência. O desenvolvimento humano, assim como a aprendizagem, é um processo que se inicia com o nascimento e permanece durante toda a vida.

É bastante notório que o ser humano é o único ser na face da terra que é totalmente submisso nos primeiros anos de vida. Ele precisa aprender a andar, a falar e... a pensar. Muito dessa aprendizagem se dá pela imitação. Pensando na fala, nos primeiros anos de vida, a criança começa dar as primeiras palavras; início ao conhecimento mútuo do que está ao seu redor. Começa a imitar tudo que seus pais fazem... Isso mostra que imitamos não só palavras, mas também estruturas inteiras de comunicação. Como seres humanos, aprendemos a nos comunicarmos; se aprendemos, temos a capacidade também de aprimorarmos os exemplos que usamos para nos comunicarmos.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso abordaremos formas de lidar com os preconceitos no ambiente escolar. Destacamos a violência em geral exercitada por atos duráveis de abuso, exploração e humilhação de jovens que perseguem outros jovens, mostrando o quanto faz mal, esses atos preconceituosos, em destaque os de racismo e a prática do *Bullying*.

2. OBJETIVO

Objetivo geral

Esta pesquisa-intervenção teve como objetivo geral levar os educadores/educandos a refletirem sobre o processo pedagógico escolar em relação ao enfrentamento dos preconceitos no ambiente escolar.

Objetivos Específicos

Foram traçados como objetivos específicos para esta pesquisa:

1. Investigar como as influencias individuais e coletivas podem auxiliar no enfrentamento de comportamentos preconceituosos nos ambientes escolares e a promoção dos direitos humanos;
2. Pensar junto com os educandos forma de instituir condições necessárias para a resistência ao racismo e a pratica do *bullying*, como um todo, e discriminação no dia-a-dia escolar.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. DIREITOS HUMANOS

Os direitos humanos fazem-se de acordo com a história, assumindo diversas abordagens e aspectos, gerando diferentes atitudes e inclusões. Nasce, no entanto, a partir da consciência e da necessidade de preservar a vida e tudo o que nela está a dispor.

No ponto de vista, sobre os direitos humanos, devemos-nos tornar homens (mulheres), no que se refere ao comportamento em si, para com os outros. Portanto, ser humano, é tornar-se os direitos do próximo como se fosse o nosso próprio direito. Deparamos com situações no nosso dia-a-dia, que as pessoas vêem nos outros a inferioridade, tornando o próximo menor, insignificante. Assim, os direitos Humanos, sendo direitos só pra uns. Portanto, os Direitos Humanos precisam ser experimentados em convívio com a diversidade. Esse convívio vai além do respeito e da tolerância; a olhar os outros com olhos de sensibilidade, num posicionamento humanitário.

No meu ponto de vista as compreensões históricas dos direitos humanos constituem-se a partir das considerações, por meio de muita luta e conquista. Durante a história humana os direitos humanos foram sendo contínuos em fortalecimento de uma sociedade mais fraterna e digna. O que vem a ser dignidade humana? É complicado definir, mas aprendemos quando ela falta a alguém (como aquilo que define oportunamente uma noção de humanidade, qualidades mínimas, principais e simples para sermos gente). O nosso dia-a-dia está carregado de infinitos fatos de indignidade, basta intensificar a nossa sensibilidade e o nosso olhar.

A educação em seu papel sobre o termo direitos humano constitui o educar para a soberania popular, oportunizando para que os cidadãos tenham conhecimento de seus direitos e deveres e que lutem por eles. É papel de nós educando, contribuir para a conscientização do mundo sobre o conceito de Humanização. A cultura de direitos humanos origina classes em que ocorra a tolerância, o diálogo, a cidadania, a diversidade. Precisa também consentir a liberdade de disposição e ação aos grupos constituídos em torno de seus direitos.

3.2. PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO

O preconceito ou discriminação fazer referência as imagens negativas a respeito de uma pessoa ou a um grupo de pessoas com fundamento em características físicas ou culturais relativas a uma raça.

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da auto-estima e impede a construção de uma escola democrática. (GOMES, 2003, p. 77).

Assim, admitir como as relações raciais são debatidas na escola constitui conhecer o trabalho que ela amplia com o objetivo de estabelecer a educação para uma sociedade mais democrática, sem preconceitos, racismos e máscaras. Para isso é possível aproveitar-se, das situações evidentes de discriminação no ambiente escolar e na sala de aula como período pedagógico elevado para se debater a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a fortuna que ela apresenta à nossa cultura e à nossa identidade nacional.

A escola, da forma como se depara organizada, reflexo do modelo de preparo social, está permeada por uma difícil relação entre os sujeitos e grupos étnicos e sociais que lhe dão configuração e visibilidade. A forma como este ambiente social é constituído inviabiliza que as diferenças atuais no cotidiano escolar sejam consideradas e valorizadas na sua diversidade.

Muito embora a escola tenha o papel de agenciar a tolerância, a igualdade e o respeito às diferenças, quais práticas escolares discriminatórias colaboram de modo maléfico para o desenvolvimento do fantasma social dos estudantes negros a importância de si próprios? Ao não se verem concebidos, estes suportam a sentir-se recusados da vida social e recusam se aproximar com seu grupo de origem. De forma contrária, como a fração branca vê-se fixamente representada, seja pela mídia, seja pelos recursos pedagógicos disponíveis na escola, estes se sentem abrigar e reconhecidos, a suportar o próximo com o meio social no qual estão inseridos.

3.3. PRÁTICA DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

“[...] Desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos

pais, aumentarem a conscientização do problema para eliminar mitos sobre o bullying e prover apoio e proteção para as vítimas”. (FANTE, 2005. p. 45).

O *bullying* é um marco ainda pouco conhecido do âmbito público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é usado para considerar conduta agressiva no âmbito escolar, cometidos tanto por garotos quanto por garotas. Os atos de abuso (física ou não) acontecem de forma propositada e circular contra um ou mais alunos que se descobrem incapazes de fazer frente aos abusos sofridos. Tais procedimentos não proporcionam motivações específicas ou justificáveis. Em último interesse, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes usam os mais delicados como meros objetos de brincadeira, prazer e poder, com a finalidade de atormentar, amedrontar, humilhar e intimidar suas vítimas.

Agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... Afinal foi assim nos anos escolares. (FANTE, 2005. p. 81.)

O *bullying* tende a proporcionar de figura mais grave com casos de homicídios grupais; e isso se dá a infeliz facilidade que os jovens têm de acesso às armas de fogo. No Brasil, ressaltos aparecimentos semelhantes às dos demais países, mas com características locais: a atitude de brutalidade com armas brancas ainda é maior que a desempenhada com armas de fogo, uma vez que a elevação a elas ainda é restrito a ambientes sociais domados pelo narcotráfico. A violência no formato de discriminação e segregação passa a existir mais em escolas particulares de alto poder aquisitivo, onde os descendentes nordestinos, economicamente beneficiados, estão propensos a sofrerem discriminações em desempenho de seus hábitos, pronúncia ou expressões idiomáticas características.

O *bullying* permanece em todas as escolas. O grande diferencial entre elas é a atitude que cada um adotará frente aos casos de *bullying*. Por inexplicável que pareça os estudos apontam para uma atitude mais ativa contra o *bullying* entre as escolas públicas, que já calculam com uma orientação mais uniformizada perante os casos.

As formas de *bullying* são: Verbal, Física e material, Psicológica e moral, Sexual, Virtual ou *Cyberbullying*.

Com base nesse temas, poderemos realizar nesse projeto um trabalho bastante incisivo no combate a esses preconceitos que tornam os alunos vulneráveis a essa ação infeliz, tornando o ambiente escolar, um campo de guerra e desarmonia entre os alunos. Pode-se haver respeito entre ambas as partes, considerando os costumes, crenças, culturas, opções sexuais e várias outras diversidades humana. Basta que possamos como educadores orientar os educandos, que o ato de *Bullying* não é atitude de uma mera brincadeira e sim de uma consequência que se leva a prejuízo e revolta a vítima.

3.4. LEI 13.185, DE 06 DE NOVEMBRO DE 2015

A lei 13.185 sancionada em 06 de novembro de 2015 pela presidenta da Republica Dilma Rousseff, em se solucionar o combate contra as praticas do *Bullying*, como mostra o art. 1º “*No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas*”.

O art. 1º da lei 13.185 nos leva a refletir que o ser humano possa se conscientizar e considera-se advertência sistemática a pratica do *bullying*. Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que acontece sem motivação manifesto, cometido por sujeito ou grupo, versus uma ou mais pessoas.

O Enfrentamento ao *bullying*, previsto no inciso VIII do art. 4º de que se deve “*evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil*”. A Lei nº 13.185/15 necessitaria ministrar o seu aplicador de instrumentos bons de combate consistir no caráter cível, administrativa ou penal.

A simples previsão de um programa sem a criação de meios coativos aptos à sua privilegia a sua inadimplência e torna a lei e o projeto de combate por ela planeado ineficientes.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa intervenção tem uma abordagem descritiva, exploratória que foi desenvolvida junto aos educandos do ensino fundamental.

“Inclusiva, será a Educação que seja capaz de reorganizar a vida de uma comunidade na qual cada pessoa, sem prescindir da sua especificidade, encontre o seu lugar e se sinta interessada e capaz de participar no destino e bem comuns.”
(GOMES, 2007, p. 45)

GOMES (2007), nos mostra o quanto é importante que a educação reorganize o modo de fazer diferença no que se refere ao respeito ao próximo, dando uma nova ênfase no modo de ensinar, podendo fazer com que os educandos possa saber respeitar as diferenças de diversidade encontrada no ambiente escolar, possibilitando o bem comum entre eles.

Para uma melhor concepção do plano de ação, mostramos aqui a metodologia do projeto:

1º PASSO: desenvolver uma semana pedagógica onde discutiremos o projeto com o corpo docente. Utilizando das dinâmicas, de elaborações de ideias para detectarmos as dificuldades e apontarmos possíveis soluções em relação aos diversos tipos de preconceitos.

PERGUNTAS

1. Nossa escola é democrática?
2. Nossa escola trata homens e mulheres igualmente?
3. Você já presenciou fatos de preconceito na escola?
4. Você já ouviu relatos de violência física e/ou verbal na escola?
5. Você se sente preparado para lidar com tais assuntos?
6. Você acha necessário trabalhar essas questões com alunos, pais e comunidade?
7. Quais os atos mais comuns que comprometem a liberdade e ao direito de igualdade na escola?
8. Que ações podem tomar para garantir que nossa escola seja um local que respeite as diferenças e ajude a tornar nossos alunos em cidadãos conscientes e atuante?

Esse questionamento poderá nos envolver como educadores e, incentivar desenvolver métodos em que possamos solucionar maneiras de lidar com os diversos preconceitos existentes no ambiente escolar.

2º PASSO: Elaboração do plano de ação com docentes e Núcleo gestores para o período de um ano. Quem sabe seja o passo mais formidável após a discussão inicial no passo um, pois dá vida ao esboçado, delineado, debatido e torna mais real o desejo de mudar, evoluir, transformar.

3º PASSO: Avaliação do projeto. Analisar é um passo indispensável para avaliar que os objetivos sugeridos tenham sido alcançados e/ou pode ser alterados em andamento apto, forma que não afete o andamento do mesmo. Ao término de cada etapa proposta no projeto de fazer uma avaliação dos itens trabalhados.

5. AÇÕES INTERVENTIVAS

Ao discriminar os diversos tipos de preconceitos entre eles: o racial e a prática do *Bullying*. Infelizmente é possível observar que estas compõem o cotidiano de muitas pessoas, até mesmo dentro das escolas. Muitas vezes, as atitudes que ressaltam os preconceitos passam despercebidas, de modo inclusivo, quando presentes em materiais didáticos e na adequada influência mútua entre professor-aluno.

A diversidade se baseia em princípios éticos de reconhecer e respeitar a diversidade humana. Diversidade esta que determina características de alimentação, para não se converter em desigualdade social. Assim, a ideia de não preconceito se mostra como uma ansiedade com a igualdade de acesso aos bens, serviços e propriedades para todos os cidadãos.

Durante os estudos do módulo 09, pude perceber que a Divisão da Diversidade age na conservação e elevação dos direitos humanos dos sujeitos, proporcionando formas de acesso à escola e de continuidade na formação escolar: Os conceitos de “diferença,” subjetividade e identidade de cada sujeito, que engloba no seu âmbito individual, ou seja, o conceito de diferença esta interligado a uma diferença de significados em diversos discursos. Mas como devemos compreender essas “diferenças”? Como articular discursos e exercitar as relações sociais, de sujeitos e subjetividade? Segundo Pierucci (1999, p.105) nos “coloca:

Ao se pôr a diferença, no ato mesmo de notá-la ou reconhecê-la, ei-la desde logo valorizar ou desvalorizada, apreciada ou depreciada, prezada ou desprezada. Portanto “na há diferença,

nos quadros culturais de qualquer sociedade, que esteja sendo operada como valor...”

Desta forma, a diferença vem do sujeito, embora possam ser estudadas, diversas formas de se compreender o que a sociedade pode nos oferecer para nos propiciar de maneira cultural. Saibamos ser capazes de distinguir uma coisa de outra, demonstrando igualdade para com os outros. Muitas das vezes deparamos com situações que a indiferença do sujeito leva discussões em diversas situações culturais, política, e praticas religiosas inconstitucionais. Um grupo geralmente exerce como formadores de opinião, defesa de seus conceitos de diferença das genealogias históricas de suas experiências coletivas. As diferenças entre grupos sociais, com seus princípios culturais, reforçam essa conduta até as últimas conseqüências na posição de defender seus ideais, construção daquilo que acreditam.

A diferença como uma subjetividade, é entendida como o ambiente íntimo do indivíduo, com o qual ele se inclui no seio da sociedade, desenvolvendo mutuamente a convicção e construção de suas crenças e valores; Participando da formação cultural que vão de suas experiências históricas, buscando a coletividade dos grupos populares.

Com base no que foi discutido sobre os conceitos “diferença”, “subjetividade”, “identidade”, cabe a nós educadores, trabalharmos sobre esta realidade, propondo, as escolhas mais justas quer seja elas sexuais, religiosas e culturais, para o melhor convívio entre todos. Sabemos que é impossível extinguir as diversidades culturais, e as diferenças, mas podemos ter um convívio sadio e justo com todos, respeitando os direitos de cada um.

Perante tanta diversidade acredito que o preconceito qualquer que seja, é uma ação injusta, uma vez que é no domínio de toda essa maioria que se constrói a rica cultura brasileira.

Com o objetivo de colaborar para desenvolver a concepção da necessidade de garantir que as crianças e jovens que sofrem os diversos tipos de preconceitos possam receber uma educação de qualidade efetivada por educador e equipes de apoio bem organizadas, foi preparada esta ação interventiva, com o objetivo de saber o que pensam professores a respeito da inclusão de alunos que sofre alguns tipos e preconceitos na rede regular de ensino; a adaptação das sistemáticas de trabalho por eles aproveitadas; suas frustrações e angústias e, as condições da ação do Poder Público em adaptar às escolas o apoio integral, coberto por lei, às crianças e jovens que sofrem preconceitos.

De acordo com os problemas que preocupa em relação, às diversidades e discriminações assim mencionadas, foi apresentado um roteiro em sala de aula na escola Municipal da cidade de Serra do Ramalho-Bahia na serie do 9º A, turma de 25 alunos entre eles: 13 do sexo masculino e 12 femininos, por meio de seminários com o tema: ENFRENTANDO O PRECONCEITO EM SALA DE AULA: PROMOVENDO OS DIREITOS HUMANOS

Em ação de intervenções a esse projeto, em ação a metodologia que se refere às característica de mudanças de procedimento, ter em vista um melhor atributo de vida na escola e procurar colaborar para um dia a dia participativo e democrático, dando destaque ao diálogo e ao respeito mútuo. Apresenta um plano de ação que se possa estabelecer durante o ano letivo, em ação ao enfrentamento aos preconceitos encontrados na sala de aula, podendo promover os Direitos Humanos.

Assim, será proposto vários subtemas em que possa estabelecer as estratégias de trabalho, possibilitando o bem comum no ambiente escolar. Entre eles estão:

1. Enfrentando os preconceitos em sala de aula. Neste subtema podemos mostrar aos alunos o quanto é importante o respeito para com o próximo, através de texto, DVDs com filmes relacionados aos preconceitos como, por exemplo, o Filme Sempre amigos, de Peter Chelsom (1998), que conta a historia de “Maxwell Kane, 14 anos, é um garoto que mora com os avós, desde que assistiu a morte da mãe, morta pelo próprio marido. O garoto tem problemas de aprendizagem, e passa a enfrentar melhor os preconceitos à sua volta quando conhece o novo vizinho, Kevin Dillon, que tem uma doença que o impede de se locomover. Unidos, os garotos vivem amplas experiência. Superar as expectativas de suas famílias e escolas, exposto que o diferente vincula, edifica e aceita inovadoras e expressivas afinidades”.

2. Prática do *Bullying*; tem por objetivo mostrar aos alunos o mal que faz às atitudes voltadas ao *Bullying*, dando a oportunidade aos alunos se respeitar uns aos outros.

3. Preconceito Racial e Discriminação: como o subtema anterior, estes vem também mostrar aos alunos que cor não diferencia nada, todos nós somos iguais.

Perante os métodos a serem praticados em sala de aula, vejamos o plano de Ação a seguir para melhor compreensão, plano esse, que pode ser aplicado como uma semana pedagógica ou seminários. Conforme planilha a seguir:

TEMAS	AÇÕES	ESTRATÉGIAS	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
<p align="center">ENFRENTANDO OS PRECONCEITOS EM SALA DE AULA.</p>	<p>Pesquisa, seleção e exploração de vários textos relacionados ao tema central e pertinentes ao projeto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Textos informativos (leitura, compreensão, debates) • DVDs (filmes, entrevistas e documentários) • Internet (pesquisas, entrevistas, textos, etc.) • Poesias, peças teatrais e outras apresentações artísticas • Produções de texto 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma investigação de forma natural e espontânea para reconhecer a experiência e saber o que pensam os alunos sobre o tema central. • Pesquisar e selecionar textos sobre o tema a ser desenvolvido no projeto. • Trocar idéias com a direção da escola, com os professores e outros funcionários sobre o objetivo do projeto. • Sensibilizar os alunos através das aulas roda de diálogos, palestras e dos filmes. • Estimular a leitura de textos sobre o tema. • Realizar atividades artísticas para a apresentação de peças teatrais e outras atividades relacionadas ao tema do projeto. • Formar grupos para debater o tema em sala de aula, salas temáticas ou em outro espaço previamente estabelecido. 	<p>A avaliação será contínua e processual, de configuração natural, por meio do diálogo diário, dos debates requeridos e dos comentários das atividades vivenciadas ao longo dos trabalhos. A metodologia de avaliação será espontânea e examinará o potencial e a capacidade dos alunos em relação à temática, bem como a capacidade de mudança de comportamento mediante o conhecimento adquirido e experimentado.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Textos informativos (leitura, compreensão, debates) que Abordar 	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar aos Alunos o mal que faz o ato do Bullying. 	<p>Palestra e Dinâmicas oferecendo ao ambiente escolar, trabalho de</p>

<p>PRÁTICA DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR</p>	<p>o Bullying.</p> <ul style="list-style-type: none"> • DVDs (filmes, entrevistas e documentários). 	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar os Docentes e discentes sobre os atos de Bullying, seja ela qual for. • Estabelecer uma cultura de importância e valorização da diversidade, combatendo o bullying, desconstruindo marca e estereótipos e reestruturando as práticas pedagógicas vivenciadas na escola. 	<p>transformações nos comportamento de todos os envolvidos, especialmente dos alunos.</p>
<p>PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Textos informativos (leitura, compreensão, debates) que Abordar a histórias do Afro-Brasileiro. • DVDs (filmes, entrevistas e documentários). 	<ul style="list-style-type: none"> • Como é o mês que se comemora a consciência negra, levaremos os docentes aos conhecimentos através de Filme, pesquisas na Internet ou documentários. • Mostrar aos alunos que cor não se define caráter, dignidade e sim conscientizar que todos somos iguais independente de cor, de raça, religiões e opções sexuais, devemos trata uns aos outros com respeito mútuo. • Leitura explicada sobre a ajuda de negro para nossa cultura bem como a origem do racismo que no Brasil. • Apresentação de texto em sala de aula, sobre a cultural social, político e econômicos, buscando desmistificar alguns conceitos 	<p>Exploração de leitura dos textos trabalhados e sua compreensão.</p>

		<p>eurocêntricos e mostrar a entusiasmo da civilização africana na cultura brasileira.</p> <ul style="list-style-type: none">• Centralizar personagens que se tornaram heróis por causa da luta pela liberdade diferentes figuras como a história trata os heróis, homenagens e honras Ex Zumbi dos Palmares.	
--	--	---	--

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

A análise de dados utilizada foi descritiva. Neste sentido, foram realizado o cruzamento de todo o conhecimento coletado no momento inicial, a fim de se obter uma visão mais concreta e autêntica da realidade de intervenção. em ressalva ao subtema: "preconceito racial e discriminação", não pode ser aplicado em sala de aula por motivo do meu afastamento. seria aplicado no mês de novembro, mas por motivo de comemoração da consciência negra, foi adiado. assim que retornar às minhas atividades escolares darei continuidade ao plano de ação.

Perante essa realidade pudemos averiguar nossa interação em sala de aula ressaltando que ainda o professores procurar, firmemente a participação dos alunos nas atividades ainda prática, que é difícil se arrebatam da visão que retrata mais os aspectos formais da língua e que analisa a sentença como seu ambiente máximo.

A questão do preconceito orientado a alguns alunos foi trabalhada na dinâmica de lado a lado dessa possibilidade de re-significação, ou seja, mobilizar os alunos para uma transformação de olhar, convidando-os a procurar reconhecer no outro o que ele apresentava de positivo.

7. COMENTARIOS FINAIS

O estudo aqui realizado pelo CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH nos contribuiu como educadores em aprendizados a superação do preconceito de que vive o aluno. Ideal para uma real inclusão do fenômeno diversidade cultural no ambiente escolar.

A realidade educacional contemporânea coloca a escola pública como o palco da diversidade, pois ali se deparam com alunos de diversos grupos. A diferença entre os grupos é aparente e o trabalho pedagógico carece voltar-se à diferença, oportunizando o direito da educação para todos.

São metodologias que ocorrem na essência do sujeito, estando entretanto, profundamente ligados às relações de troca que o mesmo constitui com o meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, a instância é imperativa para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento. A motivação é um fator que deve ser examinado no contexto da educação tendo grande seriedade na realização do processo educacional.

O professor deve descobrir estratégias, na saída para fazer com que o aluno se disponha fornecer estímulos para que ele se sinta determinado a aprender. Ao incitar o aluno, o educador o desafia a aprender. O desejo de consolidação é a própria motivação. Assim, o professor deve equipar sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, apreenderem a atenção do aluno.

Por fim, os professores devem-se cada vez mais, buscar a se capacitar, modernizando seus conhecimentos, e desenvolvendo métodos de trabalhos que possam determinar os alunos a se interessar mais ao aprendizado e que eles também possa respeitar a diferença entre si. O grande desafio é esse, trazer para sala de aula a importância do respeito à diversidade.

REFERENCIAS

ARGAMENON, R; RIZEK, B.; ALVES, J. **Bullying**: brincadeiras que ferem. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?Pg=revista_educarede_especiais&id_especial=361>. Acesso em: 19/10/2015.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. IN: M. BAUER & GASKELL. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Lei n.º 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>. Acesso em 20/11/2015.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra Editora, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying**: como combatê-lo? São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FANTE, Cléo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

FERNANDO, Diego, livro Fala Serio É Proibido ser de Diferente? Ed. Canção Nova, 2005

LIMA, Raimundo De. **“Bullying”**: uma violência psicológica não só contra crianças. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/043/43lima.htm>> Acesso em: 20/10/2015.